

NA TEIA DO DIALOGISMO: Vygotsky, Bakhtin e Yakubinsky

Fabiana Wanderley¹

Adriana Karla J. Marques de Sá²

Luciano Meira³

Resumo

Pretende-se, neste artigo, discutir teoricamente as idéias de Vygotsky, Bakhtin e Yakubinsky em relação à temática da aquisição da linguagem, tomando por referência os cenários da Psicologia Cognitiva e do Desenvolvimento. Inserindo-se em uma perspectiva dialógica, os três autores concebem que o sujeito, enquanto ser sócio-histórico é constituído na e através da linguagem, a partir do diálogo ou das tensões dialógicas estabelecidas com o Outro. Nesta direção, a linguagem é abarcada nos seus aspectos verbais e não verbais e vista em constante flexibilidade com o contexto. Ao compreender o ser humano, de maneira integrada com o social, permite ultrapassar os impasses gerados pelos modelos tradicionais de linguagem (linguagem/ pensamento, o ser individual/social, e o monologismo/dialogismo).

Palavras-chave: dialogismo; Vygotsky; Bakhtin; Yakubinsky.

Abstract

This article aims to discuss, theoretically, Vygotsky, Bakhtin and Yakubinsky's ideas, emphasizing their contributions in the field of Development and Cognitive Psychology, specifically for studies about the acquisition of language. Entering in a dialogical perspective, the three authors conceive that the subject, while a social-historical being, is formed in and through language, from the dialogue or from the dialogical tensions established with the Other. The way they face language allows encompassing verbal and non-verbal aspects of communication, as well as the flexibility of context. By understanding the human being, so integrated with the social, help to undo some impasses, generated by the traditional models of language, which allowed the gap between language/ thinking, individual/social, monologism/dialogism, etc.

Keywords: dialogism; Vygotsky; Bakhtin; Yakubinsky.

¹ Psicóloga e Doutora em Psicologia Cognitiva (UFPE). Professora da UFRPE, Departamento de Educação. Endereço Eletrônico: fwsmoreira@gmail.com

² Psicóloga e Doutora em Psicologia Cognitiva (UFPE). Endereço Eletrônico: adrikjms@gmail.com

³ Pedagogo, Doutor em Psicologia (Berkeley, USA) e Prof. do Departamento de Psicologia Cognitiva (UFPE). Endereço Eletrônico: meira.luciano@gmail.com

Resumen

Se pretende en este artículo, teóricamente discutir las ideas de Vygotsky, Bajtín y Yakubinsky en relación con la cuestión de la adquisición del lenguaje de escenarios de referencia de la Psicología Cognitiva y el Desarrollo. Entrar en una perspectiva dialógica, los tres autores conciben al sujeto como ser histórico-social, se constituye en ya través del lenguaje, del diálogo o dialógica tensiones hasta el Otro. En este sentido, el lenguaje es que aparecen en sus aspectos verbales y no verbales y puntos de vista sobre la flexibilidad en curso con el contexto. Al entender al ser humano en una forma integrada las cuestiones sociales, permite superar las barreras causadas por los modelos tradicionales de la lengua (lengua / pensamiento, ser individuales, sociales, y el monólogo y diálogo.).

Palabras clave: dialogismo, Vygotsky, Bajtín; Yakubinsky,

Language is no longer linked to the knowing of thing,

but the men's freedom

(Michel Foucault)

O objetivo deste artigo é expor a contribuição do pensamento de Vygotsky, Bakhtin e Yakubinsky acerca da temática do **dialogismo** e suas implicações para os pesquisadores das áreas da Psicologia do desenvolvimento e da cognição.

Estamos conscientes de que analisar as contribuições destes aportes teóricos é uma tarefa árdua, mas, ao mesmo tempo, excitante e desafiadora. Árdua, porque se trata de uma linha de pensamento complexa e ainda insuficientemente conhecida entre nós, uma vez que só recentemente estamos tendo acesso às principais obras dos respectivos autores (Vygotsky, Bakhtin, 1997, 2000; Yakubinsky, 1997). No entanto, excitante e desafiadora, porque esta corrente de pensamento representa uma via de superação de alguns impasses epistemológicos clássicos colocados à Psicologia, referentes à relação entre o pensamento e a linguagem; ao ser individual *versus* o coletivo; ao monologismo *versus* o dialogismo, dentre outros.

Cenário: os clássicos dilemas da psicologia

Historicamente, podemos postular que a Psicologia padece, desde a sua origem (que, tradicionalmente, se situa nas obras de W. Wundt e F. Bretono), de uma espécie de “falta de identidade epistemológica”, em virtude de uma grande dificuldade para identificar e definir os contornos do seu próprio objeto do conhecimento. Entretanto, isso não a impossibilitou de realizar relevantes progressos tanto nos campos teórico-práticos como, sobretudo, no da sua aparição em diversos setores de atividade social (Surgado, 1990).

Nesse contexto, ela avança, rapidamente, na sua trajetória como ciência, sem ter clareza suficiente do seu objeto de estudo. Por isso, a Psicologia, ainda hoje, apresenta-se como um mosaico de “teorias, métodos e práticas heterogêneas, oferecendo o espetáculo de um universo fragmentado...” (Moreau & Richelle, 1981, p.2).

De fato, historicamente, o principal elemento que parece dividir o campo psicológico é a dupla visão mecanicista/humanista. Tal clivagem parece traduzir nos campos teórico-prático, o velho problema cognominado pelos ingleses de *the mind-body-problem*. Assim, essa consiste em uma antiga discussão, na medida em que o ser humano nem se restringe meramente ao plano biológico e nem ao psicológico (no sentido de *psyké aristotélica*), caracterizando-se por uma síntese, uma grande articulação entre as dimensões sócio-psicológicas, sendo, essencialmente, um ser simbólico, construído sócio-historicamente.

A partir desse recorte, podemos argumentar que, assim como o ser humano está inserido na ordem do simbólico, o meio humano está na ordem da cultura, da linguagem, das artes, da vida em suas múltiplas manifestações.

Pensar no ser humano balizado nestas premissas requer compreendê-lo, de acordo com Castoriadis (1975),

como resultado de duas histórias indissociáveis: uma história da *psyche* (*psicogênese*), ao longo da qual esta se altera e se abre ao mundo social-histórico, e uma história social, na qual a sociedade lhe impõe um 'modo de ser' (*sociogênese*) que ela não poderia jamais fazer surgir dela mesma e que fabrica o 'indivíduo social' que emerge como coexistência de um mundo privado e de um mundo comum ou público. (p. 405)

Origens da corrente sócio-histórica

As origens da corrente sócio-histórica centram-se no arcabouço teórico-conceitual de autores como Vygotsky; Luria e Leontiev, os quais integram trabalhos e interesses vastos em áreas como a Lingüística, a Psicologia, a Pedagogia e a Neurologia. À época as suas idéias contrapunham-se: (1) Aos primeiros trabalhos da Psicologia Científica, marcada pelo experimentalismo e introspeccionismo de Wundt, cuja crença repousava na descrição dos elementos constituintes da consciência; (2) ao elementarismo do modelo S-R, propugnados por Watson e seguidores. A situação da Psicologia russa não se diferenciava muito desse cenário, apresentando, entretanto, características culturais peculiares em razão de sua história e da fermentação das idéias, concernentes ao fim da era Czarista.

Segundo Valsiner (1988), as postulações evolucionistas estavam muito disseminadas na Rússia pré-revolucionária, ressaltando que duas tradições tiveram grande influência na Psicologia soviética: uma vinculada ao campo da Biologia evolucionista, com nomes como o de Vagner (1849-1934), e outra; no campo da

Neurofisiologia, onde se destaca I.M. Sechenov (1829/1905), iniciador da corrente reflexológica.

A Rússia pós-soviética também possibilitava a emergência das proposições de Luria, Leontiev e Vygotsky, que tinham as suas raízes teóricas nessa dupla tradição (a linha do desenvolvimento natural e a do desenvolvimento sociocultural). Surgem a partir desta nova ceifa de autores e de temáticas como: (a) as funções-, elementares e superiores; (b) o conceito de internalização das funções psíquicas; (c) a importância da atividade na transformação da realidade externa e interna; e (d) a função atribuída à **linguagem**. A influência dessa tradição e de outros autores russos, como Yakubinsky (1923/1997) e Bakhtin (1981, 1987, 1997, 2000, 2001) interessam-nos, particularmente.

Tanto o pensamento de Yakubinsky, quanto o de Bakhtin receberam as marcas dessa ambiência da Psicologia soviética sócio-histórica, assim também dos pressupostos de Marx e Engels. De fato, como discute Valsiner (1988, p.77), “a história da Psicologia na Rússia Soviética na década de 20 é um caso interessante da relação ciência-sociedade. De um lado, porque a ideologia oficial assume progressivamente um papel de controladora da atividade científica, portanto da Psicologia. De outro lado, porque uma grande parte da jovem geração de psicólogos, lingüistas e demais pensadores dedicam-se, com entusiasmo, a construir novos sistemas teóricos em Psicologia e na lingüística, com base no Materialismo dialético”. Tais idéias revestem-se de significado porque emergem como alternativa para superação dos impasses e paradoxos (cf. mencionado no início deste artigo) com os quais se debatia a Psicologia.

Nesta direção, os anos 20 e 30 estarão marcados por intenso trabalho de demolição da tradição subjetivista-empiricista, que dominava a Rússia antes da Revolução, na tentativa de construir uma Psicologia em consonância com princípios do marxismo. Este também será um grande dilema de lingüistas, como Bakhtin. Ou seja, como superar os extremismos da relação subjetivista, de um lado; e, empiricista, de outro? Esta é uma preocupação que se sustenta do ponto de vista epistemológico para Psicólogos e Lingüistas soviéticos, como por exemplo, Vygotsky, Bakhtin e Yakubinsky. A tendência objetivante de alguns levou a ignorar o problema da consciência; enquanto que as idéias marxistas de outros o colocavam como um verdadeiro problema da Psicologia, analisável cientificamente, mas em termos ainda reducionistas.

Após delineada a ambiência sócio-histórica que possibilitou a proliferação das idéias dos psicólogos e lingüistas, pós-Revolução, faremos um recorte e analisaremos as contribuições das proposições de Bakhtin (1981,1987, 1997, 2000, 2001) e de Yakubinsky (1923/1997), que emergem neste contexto científico.

O Arcabouço Conceitual de Yakubinsky e Bakhtin

Até os dias atuais, os estudos bakhtinianos têm sido tomados como referência em diversas áreas do conhecimento, como: na literatura, na lingüística aplicada e na Psicologia. Por isso, discutir os estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu Círculo é relevante por dois aspectos. De um lado, como já referimos, em função do atravessamento em várias áreas de conhecimento, o que tornam necessários tanto sua revisão, quanto sua releitura teórico-metodológica. Por outro

lado, a dinamicidade sócio-histórica é perpassada por transformações incessantes, as quais influenciam o homem e o contexto em que está circunscrito. Portanto, (re)visitar a teoria bakhtiniana é também olhá-la de maneira particular, porque o leitor é humano e influenciado pelas alterações ocorridas no meio social em que vive. Dessa maneira, iremos revisitar uma parte dos complexos estudos do Círculo de Bakhtin, a fim de olhar uma questão específica: o dialogismo.

Numa retrospectiva histórica sobre o arcabouço conceitual de Bakhtin, podemos observar que o mesmo segue na contramão dos estudos até então desenvolvidos: não percebe a língua como objeto, nem tampouco irá procurar discriminá-la em unidades mínimas até o estabelecimento do significado contido na frase.

Para ele, como destaca Faraco (2003), o objeto das ciências humanas está centrado no texto, percebido como um *conjunto coerente*, mas heterogêneo de signos que vão da musicologia à história das artes plásticas; da sociedade à ideologia. Em última instância, a preocupação de Bakhtin reside no **homem produtor de texto** de uma determinada cultura. Ou seja, o homem representa essa determinada cultura, através dos textos que produz e, ao mesmo tempo, em que está representado por ela.

Não sendo mais a língua o objeto de análise das Ciências Humanas, mas as inter-relações desse homem e o contexto que o circunda. Mesmo com a língua da qual se apropria, Bakhtin desenvolve duas grandes orientações críticas ao pensamento filosófico-lingüístico então vigente. De um lado, a chamada tese do *subjetivismo individualista*, e, de outro, a chamada orientação do *Objetivismo Abstrato*, em cuja vertente encontram-se os seguidores da lingüística saussureana.

Vamos nos ater em analisar, mais demoradamente, alguns aspectos dessa segunda orientação.

Em linhas gerais, a orientação do chamado *Objetivismo Abstrato*, de vertente saussurena, percebe a língua como um sistema de regras fixas e imutáveis; como “objeto”, centrado unicamente em sua forma individual, completamente externo à consciência individual dos falantes. Bakhtin (1997), ao contrário, vê a língua (sistema) em permanente evolução, sofrendo modificações profundas, oriundas do coletivo, deixando de ser percebida como manifestação unicamente individual e imanente, para transformar-se em um evento de natureza social: “a fala está indissociavelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (Yaguello, 1997, p. 14). A partir disso, propõe uma *lingüística da fala*, onde a língua, por ser *compartilhada* por um coletivo de indivíduos, transforma-se em um *bem-comum* social, cujas transformações lhe são inerentes, refletindo as variações sociais que, fundamentalmente, são regidas por leis *externas* ao próprio *sistema*.

Como as formas lingüísticas se apresentam aos locutores, no contexto de enunciações precisas, este contexto, para Bakhtin (1981, 1997), será sempre *ideológico*. Segundo ele, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas concernentes à vida (Bakhtin & Voloshinov, 1997, p: 95).

Diferentemente do posicionamento adotado pelos objetivistas abstratos, a língua é inseparável de seu conteúdo ideológico ou concernente à vida. Sobretudo, Bakhtin (1997) reafirma que a língua está relacionada às motivações da *consciência do locutor*, não podendo receber um *estatuto particular*, no qual se separe a forma lingüística vazia de ideologia (sinal), dos seus fatores ideológicos e vivenciais (signos da linguagem).

Tratar a língua enquanto “sistema” é percebê-la unicamente através de um olhar abstrato, muito distante da consciência dos indivíduos que *propriamente* dela se utilizam. A prática da comunicação social é dinâmica e viva, sendo impossível decompor seus elementos isolando-os artificialmente das unidades reais da cadeia verbal; da espiral infinita de suas enunciações. Nestes termos, nas visões e revisões lingüísticas, sob o olhar bakhtiniano, o próprio estudo da enunciação amplia-se: deixa de estar voltado para uma enunciação monológica isolada, mas passa a ter “um” “outro” “sentido”, que se realiza em um *outro* lugar, que não o restrito ao estudo imanente, no interior da enunciação. Seus “limites” tornam-se difusos, deslizam, complexificam-se, dialogam...

Ao contrapor a univocidade da palavra, conforme salientada pelo objetivismo abstrato, à pluralidade de suas significações, coloca que o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. Há tantas significações possíveis, quanto contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser uma. Ela não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir (Bakhtin & Voloshinov, 1997, p. 106).

Essa contextualidade, para Bakhtin (1997), não está em um único e mesmo plano, mas sim, em uma alternância de planos contextuais. Uma mesma palavra,

por tomada em relação ao *sentido* e à *significação* que se quer estabelecer, pode aparecer em dois contextos dialógicos mutuamente conflitantes e excludentes. Deste modo, “os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e conflito tenso e ininterrupto” (Bakhtin & Voloshinov, 1997, p 107).

Relações dialógicas em Bakhtin: (re) significações

O termo *dialogismo* surge, no contexto do *Círculo de Bakhtin*, por volta de 1928 e 1929, para expressar a permanente interação e colisão entre estruturas significantes, inseridas em um determinado campo histórico e social. Este inesgotável *diálogo* entre signos e, principalmente, entre “sistema de signos”, quer literários, orais, gestuais ou inconscientes, é visto como originário das pulsões e tensões provocadas pelo social. Sob esta ótica, *Dialogia* foi o termo que mais usou para descrever a vida do mundo da produção e das trocas simbólicas, composto não por um universo dividido entre bons e maus, novos e velhos, vivos e mortos, certos e errados, verdadeiros e mentirosos, etc., mas como um universo composto de signos.

Arelado a este pressuposto, como todo o signo é ideológico, toda a criação ideológica é sempre um reflexo das estruturas sociais e históricas, não podendo, jamais, ser o produto de uma consciência individual isolada. Qualquer modificação na ideologia encadeia uma modificação na língua. Nestes termos, a noção de dialogismo termina por remeter ao caráter continuamente mutável e renovável do próprio signo, cujo *sentido pleno* emerge do jogo complexo dos intercâmbios sociais (diálogos).

Preocupado em evitar mal-entendidos, Faraco (2003), Clark e Holquist (1998) procuram esclarecer qual o sentido que a palavra *ideologia* adquire nos textos produzidos pelo Círculo de Bakhtin.

A palavra ideologia é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que, algumas vezes, é chamado por outros autores de cultura *imaterial* ou produção *espiritual* (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). *Ideologia* é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar uma certa terminologia marxista) (Faraco, 2003, p. 46)

Dessa maneira, como se percebe, o termo *ideologia* não deve ser tomado em seu sentido restrito, linear, negativo ou simplesmente fechado no *entorno teórico marxista*, mas sim, como *área de expansão* da criatividade intelectual/cultural humana. Os produtos e artefatos elaborados por tais áreas do conhecimento humano, e, principalmente, pela *imprevisibilidade* que a criação artística acarreta, não podem ser estudados desconectando-os da *realidade concreta* que os abriga. Este é o sentido que a concepção bakhtiniana dá ao do termo. Assim sendo, os signos são *intrinsecamente* ideológicos, isto é, criados e interpretados no interior de complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social. Todo e qualquer signo e todo e qualquer enunciado, nesta concepção, estão localizados na essência profunda de uma determinada *dimensão ideológica* (arte, política, Direito, etc.), e sempre comportam uma determinada *posição avaliativa*: “não há enunciado

neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica”. (Faraco, 2003, p. 47).

No bojo desses pressupostos, podemos afirmar que a noção de *dialogismo* se refere, então, à *dinâmica* do processo semiótico de *interação das vozes sociais*, que se interpenetram, colidem, encontram-se, desencontram-se dispersam-se e agrupam-se em torno do *todo social*, no qual subsistem e a partir do qual compõem novas mutiplicidades dialógicas. Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão *entre* seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação (Faraco, 2003, p. 48).

À semelhança da noção de ideologia, a própria metáfora do permanente *diálogo*, palavra por si só complexa e ambígua, também deve ser revista, uma vez que existem múltiplos diálogos dentro da própria *noção de diálogo*. Conforme Faraco (2003), os membros do Círculo de Bakhtin não se interessaram pelo estudo da forma-diálogo, comumente associada às conversas dos personagens nas narrativas escritas, nos textos dramáticos ou na interação face-a-face.

Nestes termos, o dialogismo bakhtiniano não deve ser *tomado e medido* como mais um *conceito qualquer* entre outros tantos conceitos com os quais estamos acostumados a trabalhar teoricamente. Não se trata aqui, de algum *instrumento* a que o próprio Bakhtin recorre para abordar determinados aspectos do real. A noção de dialogismo deve ser entendida como uma espécie de *sistema filosófico*, suficientemente capaz de abranger, com um olhar

compreensivo/responsivo, o *Ser do Homem* e as suas formas inusitadas e imprevisíveis do *fazer cultural*. Não haveria outro modo de Bakhtin explicitar esta interação infinita e permanente senão com a metáfora do *eterno diálogo* que permeia todo o *universo semiótico* que nos assiste e do qual somos parte constitutiva.

Qualquer processo ideológico (criativo em Bakhtin) estará sempre envolvido com uma determinada posição axiológica, que estará sempre em *correlação* com outros pontos de vista criativos de outros interlocutores. O universo da criação ideológica é o universo das significações (Peirce, 2000). Torna-se incompreensível, nestas circunstâncias, o caráter monológico das enunciações, uma vez que todo o universo conspira contrariamente. Por estas razões, *gerou-se*, como que de si mesma, a metáfora do *permanente diálogo*, onde todas essas vozes sociais se entrecruzam, de maneira multiforme, ao mesmo tempo em que também vão se formando novas vozes sociais. Eterno movimento; encontros e desencontros de significações a refazer-se.

Coadunado a esses postulados, podemos destacar a noção de sujeito em Bakhtin, pois a mesma está envolvida com a própria natureza constitutivamente dialógica da linguagem, remetendo à permanente interação entre o *eu* e o *outro* discursivos. Nesta direção argumentativa, o sujeito bakhtiniano é deslocado de seu centro e passa a habitar em uma determinada “periferia” coletiva, onde *dialoga* com as diferentes vozes sociais de seus pares. Trata-se, na verdade, de um sujeito concreto e real que, contextualizado em seu espaço-tempo social-histórico e ideológico, localiza-se *no mundo*.

Como se percebe, a noção fundamental que emerge da subjetividade bakhtiniana é o *espaço interacional* entre o *eu* e o *tu*; ou entre o *eu* e o *outro*, no interior do texto, que vai requerer uma *atitude responsiva ativa* entre os parceiros da comunicação verbal.

Nestes termos, o discurso bakhtiniano vai se orientar para uma *terceira pessoa*; para um *outro* que, inserido em um contexto particular, vem reforçar a *influência das forças sociais* organizadas sobre o próprio *modo de apreensão* do discurso. Trata-se de um processo compreensivo responsivo ativo *circular* que remete, fundamentalmente, à *dinâmica da inter-relação* dos indivíduos envolvidos com alguma corrente de comunicação verbal. Este “eu” bakhtiniano é então constituído pelas *palavras do outro*; é visto através dos *olhos do outro*; realiza-se *no outro*; no *interior mesmo* desse outro.

Trata-se do permanente diálogo entre um “eu” que, por sua vez, não é *solitário* mas *solidário* com todos os “outros” que com ele interage; e com todos os demais que ainda estão por vir...

Assim, pensando a formação da consciência como movimento entre pessoas, o signo é compreendido em sua natureza social, e o ser humano como encontro de vozes. Os signos, criação humana, só emergem da interação social; e esta, para Bakhtin e Voloshinov (1997), está ligada às estruturas sociais e imersas na luta de classe. E como não há “eu” desprovido de classe, o “eu” fica mais forte no “nós”. Somos feitos de múltiplas vozes com suas marcas ideológicas, seja no sentido de ocultamento, como sugere Marx, seja no sentido de visão de mundo, como propõe Bakhtin, para quem a ideologia reflete e refrata realidade – “O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata”. (p.46).

O conceito de **refração** é extremamente relevante no chamado Círculo de Bakhtin, por defender a premissa de que as significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema semântico abstrato, único e atemporal, nem pela referência a um mundo dado uniforme e transparentemente, mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais. Assim, em outras palavras, a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos.

Numa perspectiva de maior verticalização, podemos postular que este *outro* bakhtiniano, compreendido e significado em uma determinada situação concreta, e que, longe de ser individual, dialoga com uma pluralidade de outros sujeitos e fatores/valores, remete a um “nós”, que é a própria esfera constituinte desse social-coletivo-ideológico, localizada em uma determinada comunidade ou grupo, no qual ocorre todo esse processo. Este outro, como analisa Brait (1995), também dialoga com o “nós” (o coletivo, uma vez que a linguagem não é falada no vazio).

Por estas razões, Bakhtin insiste no *papel do outro* na instauração do sentido de um determinado enunciado, para o qual sempre haverá a perspectiva de uma *outra voz* que dialoga com a nossa, ao dialogar com o mundo. O sujeito bakhtiniano é *relacional*, e aparece justamente *na/da mediação* entre o *eu-outro dialógicos*.

Já para Marková (2006), o sujeito é constituído a partir da tensão alter-ego, enfatizando que o termo *tensão* não diz respeito a conflito, mas a opostos complementares (convergência X divergência, aceitação X recusa etc). Pontua que,

consoante Bakhtin, “uma pessoa não tem soberania territorial interna e que ela está sempre e completamente na fronteira com o outro. Quando ela olha para si mesma, *‘olha nos olhos do outro ou com os olhos do outro.’*” (p. 126).

Bakhtin propõe que o sujeito vivencia, então, uma incompletude radical, conduzindo-o, a fim de superá-la, a necessitar do Alter, que funciona como um **excedente de visão**, no sentido de que pode ver o que o Eu não consegue enxergar (Faraco, 2003). Essa noção de **responsividade** ou de “*answerability*”, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, é central ao dialogismo (Marková, 2006). Essa peculiaridade dialógica da linguagem deve-se ao fato de que qualquer ato de fala é sempre uma resposta, sendo, desta maneira, influenciada por aquilo a que ela responde, ou seja, o discurso é configurado pelo que o falante espera do seu interlocutor e a contribuição da pessoa ao diálogo apresenta características específicas, que só existem ou fazem sentido por conta do diálogo (Faraco, 2003).

Assim, o dialogismo, condição constitutiva do sentido no discurso, estará sempre em função da atitude responsiva ativa desse *outro*. Nestes termos, o “eu” (enunciador) realiza-se no “nós” bakhtiniano (coletivo), entendido como o espaço onde *a comunicação é negociada* em uma multiplicidade de interações significativas, que conferem plenitude concreta e viva à língua. O “nós” somente ganha força, verdade, legitimidade através do *diálogo* com este *espaço real*, social, ideológico, contextual, coletivo que representa/reapresenta diferentes significações à medida que é (re) enunciado. A natureza dialógica da linguagem, conceito central no pensamento bakhtiniano, por ser vivo, *ainda está em aberto!*

Yakubinsky, Vygotsky, Bakhtin e o dialogismo

Inserindo-se no modelo dialógico, Yakubinsky (1923/1997), assim como Bakhtin Voloshinov (1997), contrapõe-se à Escola formalista Russa e ao estruturalismo de Saussure. O foco de interesse dos formalistas, segundo Eskin (1997), dirigia-se à poética e aos textos literários, deixando de lado os aspectos sociais relativos a estes escritos, contribuindo, assim, para que Yakubinsky, cujo interesse voltava-se para as dimensões sociais da linguagem, terminasse se distanciando dos pressupostos desta Escola, da qual ele chegou a fazer parte.

Numa perspectiva de cotejamento, podemos resgatar as idéias de Saussure (1916/1966), que, por sua vez, propõe *que os signos lingüísticos são arbitrários, fazendo uma distinção entre língua (langue) e fala (parole)*. A primeira diz respeito a um código que tem existência própria, não dependendo da vontade do falante, e a segunda - **fala (parole)**- refere-se aos usos que o indivíduo faz da língua, a partir da seleção de elementos de um sistema de signos lingüísticos. Deste modo, o significado lingüístico pertence a uma estrutura do sistema social, que se impõe ao sujeito

Analisando o Estruturalismo saussuriano, Cornejo (2004) observa uma dicotomia (individual/social), tendo em vista que a língua, enquanto estrutura social, é formada, independentemente do sujeito. A perspectiva de Chomsky, por outro lado, embora tenha surgido como uma alternativa ao estruturalismo, não consegue superar a dicotomia deixada por ele, visto que também assume uma visão estruturalista do signo, quando sugere que há um “léxico mental” ou um conjunto de regras sintáticas, semanticamente manipuladas, às cegas, apontando para uma

estrutura dissociada do contexto. Quando o falante faz uso da linguagem, nas situações comunicativas, está simplesmente demonstrando uma *performance*, oriunda de uma competência, programada geneticamente (Cornejo, 2004). Constata-se, então, um hiato entre o sujeito e o social, visto que o significado lingüístico é gerado “dentro da cabeça” do sujeito (Gramática Gerativa).

Ainda no âmbito da análise de Cornejo (2004), enquanto no Estruturalismo, a ênfase para explicar a origem do significado lingüístico recai no social, para os chomskianos, centra-se unicamente no individual. Ambas as perspectivas não englobam a variabilidade do significado e a flexibilidade do contexto. Por sua vez, a pragmática vem suprir as lacunas desses paradigmas, enfatizando que só é possível entender o fenômeno humano, quando se concebe a língua em ação. É somente no uso, nas situações de produção, que a língua vai ganhando sentido.

Partilhando das idéias da pragmática, Yakubinsky acredita não haver um único sistema lingüístico, mas cada forma de linguagem possui sua própria estrutura, existindo tantas *langues* quanto há formas de linguagem, que só adquirem sentido no uso (Friedrich, 2005). Esse modo de conceber a linguagem é partilhada por Bakhtin, no conjunto de suas obras, e discutida por Vygotsky, especialmente em “Pensamento e Linguagem” (1998).

Ressalta-se que essa visão de linguagem envolve algumas das características centrais do dialogismo, apontadas por Broeckelman (2004), a saber: 1) O diálogo e não o monólogo é a forma mais natural do discurso humano; 2) O significado é co-construído na relação entre os interlocutores; e finalmente, 3) O contexto ou a situação social determina o significado. Sendo assim, os signos não

possuem significado próprio, mas vão mudando ou adquirindo identidade, nas situações concretas de produção.

Em relação à primeira característica do dialogismo, Yakubinsky concebe que o sujeito é gerado no diálogo, sendo o significado partilhado ou negociado pelos falantes através do mesmo, não concordando, assim, com a aceção de sujeito passivo, presente no estruturalismo, acreditando, em vez disso, que ele é capaz de modificar ou revolucionar a linguagem (Eskin, 1997).

Ao ressaltar o papel do diálogo (de *responsividade*) na formação da pessoa, Yakubinsky ultrapassa a visão tradicional da Pragmática, articulando, de fato, língua, sujeito e subjetividade, que estavam desvinculados no estruturalismo (Eskin, 1997).

Yakubinsky (1923/1997), aliás, foi um dos primeiros teóricos a postular a ideia de que o **diálogo**, e não o **monólogo**, é a forma mais natural do discurso humano, antecipando-se, inclusive, aos escritos de Bakhtin e de seu Círculo (Broeckelman, 2004 & Eskin, 1997). De acordo com Silvestri e Blank (1993), a noção de diálogo proposta por Yakubinsky exerceu influência nas elaborações teóricas tanto de Vygotsky como de Bakhtin, trazendo resultados frutíferos para ambos.

Segundo Yakubinsky (1923/1997), enquanto o monólogo é uma forma mais autoritária, unilateral, abrangendo uma forma mais racional de comunicação, o diálogo é algo natural "*naturalness*", espontâneo, automático. Isto se deve ao fato de, conforme Friedrich, (2005), o cotidiano das pessoas facilitar o estabelecimento de certos padrões de comunicação "... firmly established sentences, ways of using sentences, sentence pattern 'fossilized' words". (p. 12), a ponto de elas responderem ao outro, de forma automática, ou reflexa, no sentido biológico do termo, aproximando o homem do animal. Diferentemente do monólogo, o diálogo

ocorre tão rapidamente, que não permite uma reflexão sobre a ação, considerando que é tido como uma sucessão de ações (ação-reação).

Tal acepção diverge do modelo tradicional de linguagem, em que os aspectos biológicos são rejeitados, e a racionalidade, característica eminentemente humana, distancia o homem do animal, rejeitando aspectos não racionais, tais como as emoções, os sentimentos etc (Friedrich, 2005). Destaca ainda que, para Yakubinsky, o diálogo ocorre via percepção. Sendo assim, aspectos como tom, timbre, entonação, gestos, mímicas exercem um papel crucial na comunicação; em decorrência, é possível se comunicar somente por gestos e mímicas. Salaria, por exemplo, que a entonação pode modificar completamente o que foi dito; isso implica que a palavra não tem significado próprio, reduzindo, deste modo, o papel do fator semântico na linguagem.

Por outro lado, no arcabouço conceitual de Yakubinsky (1923/1997), o diálogo é aberto, exposto, constantemente, a interrupções. A participação no diálogo é determinada pela expectativa de resposta do outro. Mesmo as situações de monólogo, como as apresentações acadêmicas, por exemplo, podem se transformar em diálogo, cada vez que o auditório interferir na palestra; e, mesmo quando as pessoas não chegam a expressar os seus pontos de vista, verbalmente, sinalizam o seu desejo de falar através do olhar, dos gestos etc.

Já Bertau (2005) ressalta que a ênfase dada por Yakubinsky à capacidade da linguagem de se esvair completamente na comunicação ou de transcender a fala, consiste em uma de suas principais contribuições ao estudo da aquisição da linguagem. A autora salienta ainda que essa característica da linguagem apresenta um complexo paralelo com a metáfora de evaporação para a transformação da

linguagem em pensamento proposta por Vygotsky, em que ele assinala que, após ocorrer essa evaporação, a linguagem, não desaparece na sua forma interna, uma vez que o pensamento é estritamente ligado à fala.

Baseando-se no evolucionismo de Darwin, Vygotsky (1998) concorda com Yakubinsky, quando propõe que o desenvolvimento do homem possui componentes primitivos (biológicos), que se assemelham ao dos animais. Todavia, sob influência de Marx e Engels, Vygotsky vai ampliar essa idéia, ao sugerir que, com o decurso do desenvolvimento, a partir da interação com a cultura (processo histórico) em que vive, o desenvolvimento humano transcende o dos animais em termos qualitativos. O desenvolvimento ontogenético não caminha em linha reta, demarcando uma acumulação quantitativa, mas apresenta uma série de transformações qualitativas e dialéticas.

Provavelmente há um paralelo entre Yakubinsky (1923/1997) e Vygotsky (talvez até sob influência do primeiro), quando esse último preconiza que a ação do sujeito implica em uma ação entre pessoas, apresentando um significado partilhado. Essa idéia de co-construção de significados, no uso da linguagem ou na comunicação, consiste na segunda característica essencial do dialogismo, pontuada, anteriormente, por Broecklman (2004).

Desde o momento em que o sujeito ingressa no mundo, ele se depara com um ambiente semiotizado, onde o adulto (mediador do conhecimento - representante dos valores sociohistórico e culturais) vai interpretar ou atribuir significado as suas ações (mesmo quando ainda não são lingüísticas, mas recursos expressivos de certas necessidades básicas – conforto, desconforto, fome, sede etc), introduzindo-o, deste modo, aos elementos da cultura.

Conforme Silvestri e Blank (2004), baseando-se na ótica marxistas, Bakhtin e Vygotsky comungam da idéia de que a mediação semiótica é o alicerce do psiquismo humano, ou condição sine qua non para que haja consciência. Nesta perspectiva, não é a consciência do homem que determina o seu ser, como postula o idealismo subjetivista, mas, ao contrário, é o ser social que determina sua consciência (sendo esta um produto da sociedade). Neste sentido, a matéria do psiquismo é semiótica e, em decorrência, sua realidade é a do signo.

Convém salientar que as nítidas semelhanças entre Bakhtin e Vygotsky se deve ao fato de ambos compartilharem de um mesmo contexto histórico e ideológico (Silvestri & Blank, 2004).

Ao conceber que o significado é co-construído nas trocas dialógicas, Yakubinsky (1923/1997) sublinha que a linguagem é uma atividade essencialmente comunicativa, dialógica, apontando para a construção de uma **massa aperceptiva** como facilitadora ou condição fundamental da comunicação. O entendimento do discurso do outro é aperceptivo, ou seja, depende não apenas do momento atual, mas das experiências internas e externas bem como do conteúdo psíquico total dos interlocutores. A massa aperceptiva envolve pensamentos, emoções, desejos (conscientes ou não) e uma vez estabelecida, o diálogo torna-se mais simples, criativo, abreviado, tendo em vista que os interlocutores constroem uma história juntos, partilhando, assim, idéias, emoções, atitudes etc.

Para Yakubinsky (1923/1997) e Vygotsky (1987) citados por Lyra e Bertau (2008), a abreviação resulta de experiências compartilhadas, no decorrer da repetição das interações, que são construídas na história da comunicação entre os parceiros. Uma vez que a massa aperceptiva favorece a abreviação, permite

explorar e compreender a complexidade do fenômeno humano, em termos do *self*, do símbolo e do sujeito. Essa ênfase nos aspectos não verbais da comunicação (o interesse voltado para a noção de massa aperceptiva) é o que basicamente vai distanciar Yakubinsky de Vygotsky e Bakhtin.

Aproximações e distanciamentos entre as idéias de Vygotsky, Bakhtin e Yakubinsky

Em linhas gerais, os três autores apresentam mais aproximações teóricas do que distanciamentos. A diferença está apenas no foco de interesse que é dado por cada um, no seu percurso teórico. Vygotsky salienta a interação e o papel da mediação semiótica, no processo comunicativo. Bakhtin desenvolve a concepção de dialogismo e o papel exercido pelo diálogo na comunicação, voltando-se principalmente para os seus aspectos verbais ou conscientes. Yakubinsky, por sua vez, embora elabore a idéia de diálogo, dirige seu foco de atenção à massa aperceptiva, especificamente, às trocas ou aos fatores não verbais da comunicação. Justamente por focar as especificidades não verbais da comunicação, ou o estabelecimento da massa aperceptiva, na interação face-a-face, é que Yakubinsky se torna um autor relevante para o entendimento da aquisição da linguagem, principalmente no início da comunicação, quando esta é, inerentemente, marcada pelas trocas dialógicas de olhares, gestos, mímicas etc.

Assim como Yakubinsky (1997), Bakhtin aborda a questão do monólogo, denominando-o de **discurso autoritário** e do diálogo, aproximando-se do que ele classifica de **discurso internamente persuasivo**. Bakhtin (1981, citado por

Lightfoot , 2005) visando diferenciar essas duas formas de discursos, reporta-se a dois modos pedagógicos, comumente utilizados pelos alunos, quando se preparam para os exames escolares. O discurso autoritário corresponderia ao método de decorar enquanto o internamente persuasivo ao de responder às questões com as próprias palavras.

Enquanto o primeiro discurso é fechado, imposto pela sociedade, vindo de fora para dentro, sem ser completamente integrado ao eu, o segundo é dinâmico, criativo, advindo do diálogo da pessoa com aquele discurso, susceptível, portanto, a mudanças.

Embora a noção de discurso internamente persuasivo apresente semelhanças com a visão de diálogo de Yakubinsky, parece ter uma conotação ligeiramente diferente desse último, tendo em vista que, da mesma forma que o discurso autoritário, o internamente persuasivo também abrange uma certa reflexão ou intenção, não sendo efetuado de modo tão automático ou reflexo, tal como proposto por Yakubinsky.

Segundo Broeckelman (2004), Bakhtin, da mesma maneira que Yakubinsky, também contempla os aspectos não verbais da comunicação, quando sugere que o diálogo, como fenômeno natural, pode ser comparado a um evento carnavalesco, em que os participantes se lançam ou participam, tentando, simplesmente, responder um ao outro, infringindo todas as regras ou princípios morais e estéticos, estabelecidos socialmente, ao invés de tentar moldar a sua fala às normas sociais.

No entanto, considerando que o interesse de Yakubinsky parece dirigir-se, particularmente, aos aspectos não lingüísticos da comunicação, enfatiza o diálogo, de forma restrita, como estando mais atrelado à interação face-a-face;

diferenciando-se, assim, do Círculo de Bakhtin, em que este é concebido de maneira mais abrangente, conforme explanado anteriormente.

Tanto Vygotsky como Bakhtin partem de críticas aos modelos de ciência vigente (psicologia funcionalista ou idealista e objetivista), para desenvolverem o seu modelo de linguagem, que é concebida não como mero reflexo da realidade, mas como constitutiva do psiquismo humano. Bakhtin e Voloshinov (1997) sugerem que o psiquismo não pode ser explicado a partir de princípios fisiológicos e nem biológicos, ou apenas no âmbito individual, em que o sujeito é visto, de forma estática, como a-histórico e imutável. Para dar conta da mente humana, recorre à sociologia (as noções de signo e de ideologia), considerando a consciência como um fato socioideológico, que é calcada ou é co-construída nas situações concretas de produção.

Esta noção de consciência, apontada por Bakhtin como necessidade de compreensão da mente humana, conforme destacado por Silvestri e Blank (1993), é justamente a que é desenvolvida por Vygotsky. Chamam atenção para a coincidência entre o pensamento dos dois autores. Segundo Freitas (2006) e Silvestri e Blank (1993), embora não tenham se conhecido pessoalmente, as obras de Vygotsky e Bakhtin demonstram um conhecimento mútuo. Na obra "Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia", Silvestri e Blank (1993) realçam que a semelhança entre ambos certamente deve-se ao fato de eles partilharem de um mesmo contexto socioideológico, sendo, portanto, influenciados pela Psicologia soviética sócio-histórica e pela idéia de diálogo de Yakubinsky,

Finalmente, percebe-se que a forma como os três autores concebem a linguagem, enquanto constituinte do sujeito, que, como ser sócio-histórico, é

formado no diálogo, nas trocas dialógicas com o Outro, vêm superar os antagonismos presentes nos paradigmas tradicionais de linguagem, que, por permitem a separação entre o pensamento e a linguagem; o individual *versus* o social; o monologismo *versus* o dialogismo etc, não conseguem dar conta da variabilidade do significado e da flexibilidade do contexto.

Referências

Bakhtin, M. (1981). The dialogic imagination. In C. Lightfoot. (2005). Risk-taking, Carnival, and the novelist self: Adolescents's avenues to moral being and integrity. In L. Nucci. (Org.), *Conflict, contradiction, and contrarian elements in moral development and education*. Mahwah, NJ: Erlbaum, pp. 93-111.

Bakhtin, M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec.

Bakhtin, M. (2000). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Bakhtin, M., & Voloshinov, V. N. (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.

Bakhtin, M., & Voloshinov, V. N. (1981). *Problemas da poética em Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Bakhtin, M., & Voloshinov, V. N. (2001). *O freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva.

Bertau, M. C. (2005). *Think about language dialogically – Understand action dialogically*. Interdisciplinary conference in summer 2005, Munich University. Recuperado em 20 de setembro de 2007, de www.bertau.de/en/Main.06.01.html.

Brait, B. (1995). *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP.

Broeckelman, M. A. (2005). *Bakhtin speaking: a dialogic approach for teaching the basic public speaking course*. Thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree Master of Arts. Kansas State University. Recuperado em 11 de setembro de 2007, de <http://krex.ksu.edu/dspace/bitstream/2097/111/1/MelissaBroeckelman2005.pdf>

Castoriadis, C. (1975). *L'institution imaginaire de la société*. Paris: Éditions du Seuil.

Castro, G. (2001). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR.

Clark, K., & Holquist, M. (1998). *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva.

Cornejo, C. (2004). Who says what the words say? The problem of linguistic meaning in psychology. *Theory & Psychology*, 14 (1), 5-28.

Eskin, M. (1997). Translator's introduction. *PMLA*, 112 (2), 243-248.

- Faraco, C. A. (2003). *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba, PR: criar edições.
- Friedrich, J. (2005). The use and function of the notion of dialogue in the Soviet-Russian discourse of the 1920ies, especially with Yakubinsky and Vygostky. In M.-C. Bertau & J. Friedrich (Orgs.) (2005). *Think about language dialogically – Understand action dialogically*. Interdisciplinary conference in summer 2005, Munich University. Recuperado em 22 de janeiro de 2008, de www.bertau.de/en/Main.06.01.html.
- Lyra, M.C. D. P., & Bertau, M-C. (2008). Dialogical practices as basis for self. *Studia Psychologica*, 8, 173-193.
- Marková, I. (2006). *Dialocidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moreau M.-L., & Richelle, M. (1981). *L'acquisition du langage*. Bruxelles: Mardaga.
- Peirce, C. S. (2000). *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- Roncari, L. (1994). *Prefácio. Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP.
- Saussure, F. (1966). *Course in general linguistics*. New York: McGraw-Hill. (Original work published 1916).
- Silvestri, A., & Blank, G. (1993). *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la consciencia*. Barcelona: Anthropos.
- Sirgado, A. P. A., & Goes, M. C. R. (2000). Pensamento e Linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética. *Cadernos CEDES*, 24, pp. 38-51.
- Sobral, A. (2008). Ato/atividade e evento. In: B. Brait. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto.
- Tezza, C., & De Castro, G. (2001). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR.
- Valsiner, J. (1988). The Development of the Concept of Development: historical and epistemological perspectives. In W Damon & R. Lerner (Orgs.), *Handbook of Child Psychology* (pp. 189-232). New York: Wiley.
- Vygotsky, L.S. (1987). Thinking and speech. . In M.C. D. P. Lyra & M-C Bertau (2008). Dialogical practices as basis for self. *Studia Psychologica*, 8, 173-193.
- Vygotski, L. S. (1998). *Pensamento e linguagem*. São Paulo. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotski, L. S., Lúria, A. R., & Leontiev, A. N. (Orgs.) (1988). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ed. Ícone.
- Yagello, M. (1997). Bakhtin, o homem e seu duplo. In: M. Bakhtin & V. N. Voloshinov *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Yakubinsky, L.S. (1923/1997). On dialogic speech. Transl. by M. Eskin. *PMLA*, 112, 243-256 (Originally published 1923).